

Antonio G. Iturbe

A Bibliotecária de Auschwitz

Tradução
Mário Dias Correia

 Planeta

Para Dita Kraus

Enquanto durou, o Bloco 31 (no campo de extermínio de Auschwitz) albergou quinhentas crianças, vários prisioneiros que tinham sido nomeados «conselheiros» e, apesar de toda a vigilância a que estava sujeito e contra todas as probabilidades, uma biblioteca infantil clandestina. Era minúscula: consistia em apenas oito livros, entre os quais *Uma Breve História do Mundo*, de H. G. Wells, um livro de texto russo e outro de geometria analítica [...] No fim de cada dia, os livros, com outros tesouros, como medicamentos ou alguma comida que houvesse, eram confiados a uma das meninas mais velhas, que tinha o encargo de escondê-los todas as noites num lugar diferente.

ALBERTO MANGUEL, *La biblioteca de noche*

O que a literatura faz é o mesmo que um fósforo no meio de um campo em plena noite. Um fósforo quase nada ilumina, mas permite-nos ver quanta escuridão há à nossa volta.

WILLIAM FAULKNER, citado por Javier Marías

Capítulo 1

Auschwitz-Birkenau, Janeiro de 1944

Esses oficiais que vestem de negro e olham para a morte com a indiferença de coveiros ignoram que sobre o lodo escuro em que tudo se afunda Alfred Hirsch ergueu uma escola. Não sabem, e é preciso que não saibam. Em Auschwitz, a vida humana vale menos que nada; tem tão pouco valor que já nem sequer se fuzila ninguém porque uma bala é mais valiosa do que um homem. Há grandes câmaras onde se usa o gás *Zyklon* porque reduz os custos e com uma só lata pode matar-se centenas de pessoas. A morte transformou-se numa indústria que só é rentável trabalhando por grosso.

No barracão de madeira, as aulas são grupos de pequenos bancos apertados uns contra os outros. Não há paredes e os quadros são invisíveis: os professores traçam no ar, com gestos das mãos, triângulos isósceles, acentos circunflexos e até o curso dos rios da Europa. Há cerca de duas dezenas de pequenas ilhotas de crianças, cada uma com o seu tutor, tão próximas umas das outras que os professores dão as lições num murmúrio para que a história das dez pragas do Egipto se não misture com a música da tabuada de multiplicar.

Alguns não acreditaram que fosse possível, pensaram que Hirsch era um louco ou um ingênuo. Mas como ensinar crianças num brutal campo de extermínio onde tudo é proibido? E ele sorria. Hirsch sorria sempre enigmáticamente, como se soubesse qualquer coisa que os outros ignoravam.

Não importa quantas escolas os nazis fecham, respondia-lhes. Sempre que alguém se detiver numa esquina a contar qualquer coisa e algumas crianças se juntarem à sua volta para ouvir, aí terá sido fundada uma escola.

A porta do barracão abre-se com brusquidão e Jakopek, o vigia de serviço, corre para o quarto do chefe de bloco Hirsch. Os socos que calça sujam o chão com a terra húmida do campo e a bolha de falsa segurança do Bloco 31 rebenta. Do seu canto, Dita Adlerova olha, hipnotizada, para os minúsculos salpicos de lama: parecem insignificantes, mas na realidade contaminam tudo, tal como uma só gota de tinta suja toda uma tigela de leite.

– Seis, seis, seis!

É o sinal que indica a chegada de guardas SS ao Bloco 31, e por todo o barracão ergue-se uma revoada de murmúrios. Nessa fábrica de destruição de vidas que é Auschwitz-Birkenau, onde os fornos funcionam dia e noite alimentados por corpos humanos, o 31 é um bloco atípico, uma raridade. Ou melhor, uma anomalia. Um êxito de Fredy Hirsch, que começou como um simples instrutor de desportos para grupos juvenis e agora é um atleta que está a fazer em Auschwitz uma corrida de obstáculos contra o maior rolo compressor de vidas da história da humanidade. Conseguiu convencer as autoridades alemãs do *Lager* de que ter as crianças entretidas num barracão separado facilitaria o trabalho dos pais do campo BIIB, a que chamam «campo familiar» porque nos outros as crianças são tão raras como as aves. Em Auschwitz não há aves; electrocutam-se nas cercas de arame farpado.

O alto-comando do campo acedeu à criação de um barracão infantil, talvez até fosse essa a sua intenção desde o início, mas sempre na condição de tratar-se de um bloco de actividades lúdicas: estava terminantemente proibido o ensino de qualquer matéria escolar.

Hirsch espreita através da porta entreaberta do seu quarto de Blockältester do 31 e não precisa de dizer uma palavra aos ajudantes nem aos professores, que têm os olhos fixos nele. Faz um quase imperceptível gesto de assentimento com a cabeça. O seu olhar transmite exigência. Ele faz sempre o que deve e espera que todos se comportem da mesma maneira.

As lições cessam e vão-se transformando em banais cantiguinhas em alemão ou em jogos de adivinhas para fingir que está tudo bem quando

os lobos arianos mostrarem as suas caras louras. Em geral, os dois soldados da patrulha entram por rotina no barracão, mas mal passam da porta, ficam uns instantes a observar as crianças, por vezes até aplaudem uma cantiga ou fazem uma festa na cabeça de um garotinho e continuam com a sua ronda.

Jakopek, porém, acrescenta mais qualquer coisa ao alarme convencional:
– Inspecção! Inspecção!

A inspecção é outra coisa. É preciso formar, há buscas, por vezes os mais pequenos são interrogados numa tentativa de lhes arrancar informações tirando partido da sua ingenuidade. Nunca conseguiram sacar-lhes o que quer que fosse. As crianças mais pequenas compreendem muito mais do que as suas carinhas sujas de ranho dão a entender.

Alguém sussurra: «O *Padre!*» E cresce um murmúrio de desolação. É assim que chamam a um sargento das SS (um *Obersharführer*) que anda sempre com as mãos enfiadas nas mangas do dólman, como um clérigo, mas cuja única religião conhecida é a crueldade.

– Vamos, vamos, vamos! Juda, tu mesmo, diz «Vejo, vejo...!».
– E vejo o quê, senhor Stein?
– Qualquer coisa! Pelo amor de Deus, filho, qualquer coisa!

Há dois professores que levantam a cabeça, angustiados. Têm nas mãos algo que é rigorosamente proibido em Auschwitz e pode condená-los à morte se forem descobertos. Esses objectos, tão perigosos que a sua posse é motivo para a pena máxima, não se disparam, não são cortantes, perfurantes ou contundentes. Aquilo que os implacáveis guardiães do *Reich* tanto temem são apenas livros: livros velhos, sem capas, desfolhados, quase desfeitos. Mas os nazis odeiam-nos, caçam-nos e proscovem-nos com uma ferocidade obsessiva. Ao longo da História, todos os ditadores, tiranos e opressores, fossem arianos, negros, orientais, árabes ou eslavos, fosse qual fosse a cor da sua pele, quer defendessem a revolução popular, os privilégios dos ricos, o primado de Deus ou a disciplina sumária dos militares, fosse qual fosse a sua ideologia, tiveram uma coisa em comum: todos, sem excepção, perseguiram os livros com uma sanha feroz. Os livros são perigosos, fazem pensar.

Os pequenos grupos mantêm-se nos seus lugares, a cantar, enquanto esperam a chegada dos guardas, mas uma rapariga quebra a harmonia

própria de um barracão de entretenimento e começa a correr por entre os círculos de tamboretos.

– Para o chão!

– Que estás a fazer? Enlouqueceste? – gritam-lhe.

Um professor tenta agarrar-lhe um braço, para a deter, mas ela esquiva-se e continua a correr aos tropeções, quando o que se deve fazer é ficar quieto e passar despercebido. Trepá à lareira horizontal com um metro de altura que divide o barracão em duas metades e salta para o outro lado. Na sua louca corrida, derruba um dos bancos, que rola com estrondo pelo chão, silenciando por um instante todas as actividades.

– Maldita sejas! Vais denunciar-nos a todos! – grita-lhe a senhora Krizková, vermelha de fúria. As crianças, quando ela não pode ouvi-las, claro, chamam-lhe *Senhora Odre*. E ela não sabe que foi a rapariga com que agora grita que inventou a alcunha. – Senta-te lá ao fundo com os ajudantes, estúpida!

Mas a rapariga não se detém, continua a correr alheia aos olhares de reprovação. Muitas das crianças observam, fascinadas, como corre com as finas pernas enfiadas numas meias de lã às riscas horizontais. É uma rapariga muito magra, mas não doentia, com cabelos castanhos que balouçam de um lado para o outro enquanto zigzagueia veloz por entre os grupos. Dita Adlerova move-se no meio de centenas de pessoas, mas corre sozinha. Corremos sempre sozinhos.

Chega, a serpentear, ao centro do barracão, e ali abre caminho, aos empurrões, pelo meio de um grupo. Afasta com brusquidão um banco do seu caminho, e uma garotinha rola pelo chão.

– Eh, o que foi que te deu! – grita-lhe a ofendida.

Espantada, a professora de Brno vê a jovem bibliotecária deter-se, ofegante, à sua frente. Sem tempo nem fôlego para dizer seja o que for, Dita tira-lhe o livro das mãos, e a professora sente-se de repente mais leve. Quando, instantes depois, reage para agradecer, já Dita vai a vários passos de distância. Faltam poucos segundos para que os nazis cheguem.

O engenheiro Marody, que viu a manobra, já a espera fora do círculo. Dita pega no livro de álgebra na passada, como se recebesse o testemunho numa corrida de estafetas. E corre com desespero para o grupo de ajudantes que, ao fundo do barracão, fingem varrer o chão.

Ainda só está a meio caminho quando nota que as vozes dos grupos fraquejam por um instante, tremulam como a chama de uma vela quando se abre uma janela. Não precisa de se voltar para saber que a porta se abriu e os guardas SS estão a entrar. Deixa-se cair e aterra no meio de um grupo de rapariguinhas de onze anos. Enfia os livros debaixo do vestido e cruza os braços sobre o peito, para evitar que caiam. As crianças olham-na de soslaio, divertidas, enquanto a professora, muito nervosa, lhes indica com um gesto do queixo que não parem de cantar. À porta do barracão, depois de observarem o panorama durante alguns segundos, os SS gritam uma das suas palavras preferidas:

– *Achtung!*

Faz-se silêncio. Cessam as cantiguinhas e o «vejo, vejo». Tudo se imobiliza. E, no meio do silêncio, ouve-se alguém assobiar a 5.^a *Sinfonia* de Beethoven. O *Padre* é um homem temível, mas até ele parece nervoso porque é acompanhado por alguém ainda mais sinistro.

– Que Deus nos ajude – ouve uma professora murmurar.

A mãe de Dita tocava piano antes da guerra e por isso ela reconhece a música de Beethoven. Apercebe-se de que já numa outra ocasião ouviu aquela maneira tão peculiar de assobiar as sinfonias, com uma precisão de melómano. Foi depois de viajarem três dias amontoados num vagão de carga, sem água nem comida, vindos do gueto de Terezín, para onde os deportaram quando os expulsaram de Praga e onde viveram durante um ano. Era noite quando chegaram a Auschwitz-Birkenau. Impossível esquecer o som dos ferros do portão metálico a abrir-se. Impossível esquecer a primeira lufada de ar gelado que cheirava a carne queimada. Impossível esquecer o clarão das luzes, ofuscantes na escuridão: a gare estava iluminada como um bloco operatório. Depois as ordens, as pancadas com as coronhas contra os lados do vagão, os tiros, os apitos, os gritos. E, no meio da confusão, aquela sinfonia de Beethoven assobiada com a mais absoluta calma por um capitão, um *Hauptsturmführer* que os próprios SS olhavam com terror.

Naquela noite, o oficial passou perto de Dita, e ela viu-lhe o uniforme impecável, as luvas brancas sem mácula, a Cruz de Ferro no peito do dólman; uma medalha que só se ganha em combate. Deteve-se diante de um grupo de mães e filhos, deu uma amistosa palmadinha com a mão

enluvada numa das crianças. Até sorriu. Apontou dois irmãos gémeos – Zdenek e Jirka – e um cabo apressou-se a retirá-los da fila. A mãe agarrou o guarda pela aba do dólman, caiu de joelhos e suplicou que não os levasse.

– Em parte nenhuma seriam tratados como o tio Josef os vai tratar – interveio o capitão, num tom tranquilizador.

E, de certo modo, assim seria. Ninguém em todo o campo de Auschwitz tocava num cabelo dos pares de gémeos que o doutor Josef Mengele usava nas suas experiências. Ninguém os trataria como ele nas suas macabras experiências genéticas para descobrir uma maneira de fazer que as mulheres alemãs dessem à luz gémeos e deste modo multiplicar os nascimentos de arianos. A rapariga lembra-se de ver Mengele afastar-se levando as crianças pela mão, sem parar de assobiar.

A mesma música que se ouve agora no Bloco 31.

Mengele...

A porta do quarto do responsável pelo Bloco abre-se com um ligeiro rangido e o *Blockältester* Hirsch sai do seu minúsculo cubículo a fingir-se agradavelmente surpreendido pela visita dos SS. Bate com os calcanhares para cumprimentar o oficial; é uma fórmula respeitosa, com a qual reconhece a patente do militar, mas também uma maneira de mostrar uma atitude marcial, nem submissa nem acobardada. Mengele mal olha para ele, está distraído e continua a assobiar, de mãos atrás das costas, como se nada daquilo tivesse a ver com ele. O sargento – o *Padre*, como todos lhe chamam – esquadrinha o barracão com os seus olhos quase transparentes, ainda sem tirar as mãos de dentro das mangas do dólman, baixadas para o regaço, não muito longe do coldre da pistola.

Jakopek não se enganou.

– Inspeção! – sussurra o *Obersharführer*.

Os SS que o acompanham repetem a ordem e amplificam-na até transformá-la num grito que perfura os tímpanos dos prisioneiros. Dita, no meio do grupo de rapariguinhas, sente um calafrio, aperta os braços contra o corpo e nota o ranger dos livros contra as costelas. Se a apanham com eles, será o fim.

– Não seria justo... – murmura.

Tem catorze anos e a vida por estrear, tudo por fazer. Não pôde ainda começar sequer fosse o que fosse. Acodem-lhe ao espírito as palavras que

há anos a mãe repete com teimosia sempre que ela se queixa da sua sorte: «É a guerra, Edita... é a guerra.»

Era tão pequena que já quase não se lembra de como era o mundo quando não havia guerra. Tal como esconde os livros debaixo do vestido naquele lugar onde lhe roubaram tudo, assim guarda na cabeça um álbum de fotografias feito de recordações. Fecha os olhos e tenta lembrar-se de como era o mundo quando não existia o medo.

Vê-se a si mesma com nove anos parada diante do relógio astronómico da Câmara Municipal de Praga, no início de 1939. Olhava um pouco de soslaio o velho esqueleto que vigiava os telhados da cidade com as suas enormes órbitas vazias, como punhos negros.

Na escola, tinham-lhes contado que o grande relógio era um inofensivo engenho mecânico criado pelo mestre relojoeiro Hanus, mais de cinco séculos antes. Mas a lenda que as avós contavam angustiava-a: o rei mandara Hanus construir o relógio astronómico com as suas figuras que desfilavam de hora a hora, e então ordenara que o cegassem, para que nunca pudesse reproduzir uma maravilha igual para outro monarca. Para se vingar, o relojoeiro introduzira a mão no mecanismo e inutilizara-o. Quando as engrenagens lha cortaram, a maquinaria encravara e só fora possível repará-la muitos anos mais tarde. Por vezes, à noite, Dita sonhava com aquela mão amputada a correr para cima e para baixo entre as rodas dentadas do mecanismo. O esqueleto agitou uma campainha e o festival mecânico começou: um desfile de autómatos destinado a recordar aos cidadãos que os minutos se empurram nervosos uns aos outros e que as horas se sucedem como as figuras que havia séculos entravam e saíam apressados da descomunal caixa de música. Agora, porém, afligida pela angústia, apercebe-se de que uma garotinha de nove anos não tem ainda noção disso e acredita que o tempo é uma cola espessa, um mar imóvel e pegajoso onde não se avança. Por isso, com essa idade, os relógios só assustam se têm esqueletos com as esferas.

Agarrada aos velhos livros que podem levá-la à câmara de gás, vê com saudade a criança feliz que foi. Quando ia às compras com a mãe na Cidade Velha, adorava deter-se diante do relógio astronómico, mas não para ver o espectáculo mecânico, porque a verdade era que o esqueleto a assustava mais do que queria reconhecer. Do que gostava era de

observar os transeuntes embasbacados, muitos deles forasteiros de passagem pela capital, que aguardavam muito concentrados o aparecimento dos autómatos. Continha com pouca dissimulação a vontade de rir que lhe provocava as expressões de assombro e as gargalhadas apatetadas dos espectadores. E depois inventava-lhes alcunhas. Recorda com uma ponta de saudade que uma das suas diversões preferidas era pôr alcunhas a toda a gente, sobretudo aos vizinhos e conhecidos dos pais. À presumida senhora Gottlieb, que esticava muito o pescoço para se dar ares de importância, chamava *Senhora Girafa*. E ao comerciante de tapetes cristão, que tinha a loja no andar de baixo, calvo e muito magro, chamava, para si, *Senhor Cabeça de Bolo*. Lembra-se de perseguir durante alguns metros o eléctrico que fazia soar a campainha ao dar a volta na Praça Staromestke antes de desaparecer, a serpentear, no bairro de Josefov, e depois correr para a loja do senhor Ornest, onde a mãe comprava o tecido para fazer-lhe os casacos e as saias de Inverno. Não esqueceu como gostava daquela loja, que tinha à porta um anúncio luminoso com umas lâmpadas de cores que se iam acendendo umas atrás das outras até chegarem ao topo e voltarem ao princípio.

Se não fosse uma criança que corria com essa felicidade isolante própria das crianças, talvez tivesse reparado, ao passar perto do quiosque do vendedor de jornais, que havia uma comprida fila de compradores e que no monte de exemplares do *Lidové Noviny* o título de primeira página, a quatro colunas e com um corpo de letra descomunal, mais do que informar gritava: «Governo negocia entrada do exército alemão em Praga.»

Abre por um instante os olhos e vê os SS a farejar ao fundo do barracão. Chegam ao ponto de levantar os desenhos pendurados nas paredes com pregos improvisados de arame farpado para ver se há alguma coisa escondida debaixo deles. Ninguém fala, e o barulho que os guardas fazem no seu trabalho ouve-se naquele barracão que cheira a humidade e a mofo. E também a medo. É o cheiro da guerra. Do pouco que recorda de quando era criança, acode-lhe sempre à memória que a paz cheirava a espessa sopa de galinha, deixada a cozinhar durante toda a noite de sexta-feira. Como não recordar o sabor do cordeiro muito tostado e o da pasta de ovo e nozes. Longos dias de escola e tardes passadas a brincar à macaca e às escondidas com Margit e outras colegas de

turma cujos nomes se vão esfumando e desaparecendo... Até que tudo entrou em decadência.

As mudanças não foram repentinas, aconteceram pouco a pouco. Apesar de ter havido um dia em que a sua infância se fechou como a gruta de Ali Babá e ficou sepultada na areia. Esse dia sim, recorda-o. Não sabe a data, mas foi o 15 de Março de 1939. Praga amanheceu a tremer.

As lágrimas de cristal do lustre do salão vibravam, mas soube que não era um terramoto porque ninguém corria nem se alterava. O pai bebia a chávena de chá do pequeno-almoço e lia o jornal a fingir indiferença, como se nada estivesse a acontecer.

Saiu para a escola acompanhada pela mãe e a cidade estremeceu. Começou a ouvir o barulho ao dirigir-se à Praça Venceslau, onde a trepidação do solo era tão forte que fazia cócegas nas plantas dos pés. O rumor surdo ia-se tornando mais perceptível à medida que se aproximavam e ela estava intrigada por aquele estranho fenómeno. Quando chegaram, não conseguiram atravessar a rua entupida de gente, nem ver outra coisa senão uma muralha de costas, casacos, nucas e chapéus.

A mãe deteve-se brusca. O rosto ficou tenso e envelheceu de um momento para o outro. Agarrou a mão da filha para voltar para trás e procurar outro caminho até à escola, mas ela não foi capaz de resistir à curiosidade e, com um puxão, libertou-se da mão que a segurava. Como era miúda e magra, não lhe foi difícil esgueirar-se por entre a multidão apinhada no passeio e chegar à primeira fila, onde os polícias da cidade, de mãos dadas, formavam um cordão.

O barulho era atoador: as motas cinzentas com *sidecar* passavam umas atrás das outras transportando soldados vestidos com reluzentes blusões de couro e óculos de motociclista suspensos do pescoço. Os capacetes brilhavam, acabados de sair das fábricas do Centro da Alemanha, ainda sem um único risco, sem rasto de batalhas. Atrás rolavam os carros de combate eriçados de enormes metralhadoras e, depois, retumbavam os tanques, que avançavam pela avenida com a ameaçadora lentidão dos elefantes.

Lembra-se de que lhe pareceu que os que desfilavam eram autómatos como os do relógio astronómico da Câmara Municipal e que passados mais alguns segundos as portas se fechariam e eles desapareceriam.

E o chão pararia de tremer. Mas daquela vez não eram autómatos que marchavam numa procissão mecânica, eram homens. Nos anos seguintes, aprenderia que a diferença entre uns e outros nem sempre é assim tão perceptível.

Tinha só nove anos, mas sentiu medo. Não havia música de bandas, não havia gargalhadas nem vozeria, não havia assobios... Era um desfile mudo. Por que estavam ali aqueles homens de uniforme? Por que ninguém ria? De repente, aquele desfile silencioso fez-lhe lembrar um cortejo fúnebre.

A férrea mão da mãe puxou-a de rastos pelo meio da multidão. Afastaram-se na direcção oposta e Praga voltou a mostrar-se aos seus olhos como a cidade animada do costume. Era acordar de um sonho mau e, aliviada, ver que tudo voltava a estar no devido lugar.

O chão continuava, porém, a agitar-se debaixo dos seus pés. A cidade tremia. E também a mãe tremia. Puxava por ela desesperada, a tentar deixar o desfile para trás e escapar à gigantesca garra da guerra com passinhos apressados sobre os seus elegantes sapatos de verniz. Dita suspira agarrada aos seus livros. Apercebe-se com tristeza de que foi nesse dia, e não no da sua primeira menstruação, que abandonou a meninice, porque deixou de ter medo de esqueletos e de velhas histórias de fantasmas e começou a ter medo dos homens.